

A virtualização das relações e a liquefação dos laços afetivos sob a ótica de Zygmunt Bauman

Relations de virtualisation et de liquéfaction de la liaison du point de vue de Zygmunt Bauman

João Henrique Magalhães da Silva

Graduado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH) do Centro de Ensino Superior do Brasil (CESB), graduando em História pelo Centro Universitário Claretiano. Especialista em Docência do Ensino Superior, Inspeção, Orientação e Supervisão Escolar, pela Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM).
E-mail: jhmspo@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de “líquido”, presente no pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, e como essa condição de liquidez da sociedade reflete na construção da identidade das pessoas, que esvaziadas de sua subjetividade, tornam-se ao mesmo tempo consumidores e mercadorias. As pessoas se tornam meros objetos a serem consumidos e vivem entre dois mundos paralelos, o real e o virtual, que o sociólogo chama de vida off-line e online, respectivamente, onde o segundo funciona como uma fuga do primeiro, pois nele se pode fugir das adversidades e ir para uma zona de conforto, na qual, com o simples toque em uma tecla – delete – se pode excluir o que é incômodo. E, ainda, o risco que as redes sociais oferecem, pois funcionam como armadilha, por facilitar a construção de relações efêmeras e superficiais.

Palavras-chave: Bauman. Líquido. Real. Virtual. Redes sociais.

Résumé: Cet article a le but de présenter le concept de “liquide”, présent dans la pensée du sociologue polonais Zygmunt Bauman. Selon cet auteur, la condition liquide de la société reflète dans la construction de l’identité des individus qui, vidés de leur subjectivité, deviennent à la fois consommateurs et marchandises. Ces individus deviennent des objets à consommer et se trouvent à vivre entre deux mondes parallèles, le réel et le virtuel, ou, comme le sociologue Bauman les nomme, la vie off-line et la vie online. Le deuxième monde permet de fuir du premier, car il est possible de s’échapper des adversités en cliquant simplement sur la clé - delete - et entrer ainsi dans une zone de confort. De plus, Bauman veut montrer le risqué découlant des réseaux sociaux, considérés comme un piège, car ils facilitent la construction de relations éphémères et superficielles.

Mots-clé: Bauman. Liquide. Réel. Virtuel. Réseaux sociaux.

1 Introdução

Vivemos tempos em que as informações se dissipam na velocidade da luz. Isso faz com que as opiniões e as relações também se construam, se mantenham ou se desfaçam na mesma proporção. O que está em vigência é o constante estado de mudança; a construção de identidades se tornou algo móvel e volátil, quem não se move fica ultrapassado.

O que se busca no mundo virtual ou, como Bauman diz, na vida online, é popularidade. O que conta é aumentar o número de *amigos* e seguidores, para aumentar também o número de visualizações das postagens, buscando o maior número de *likes*. A popularidade nas redes sociais traz uma sensação de segurança e felicidade, pois afasta o receio de ser descartado.

O que importa é estar sempre se adequando aos modismos da sociedade para ser sempre atual, se tornando uma mercadoria vendável ao público, para não correr o risco de cair no esquecimento. Assim, o ser humano se transforma em objeto, se torna mercancia que deve ser atrativa aos consumidores.

Isso ocorre até mesmo no campo afetivo. As relações duradouras estão em descrédito, a instabilidade e a insegurança assombram constantemente as relações sociais. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman denomina esse estado de instabilidade relacional de líquido.

Para um melhor entendimento do pensamento de Bauman com relação a essa instabilidade vivida pela sociedade, essas constantes mudanças que afetam o campo da subjetividade e a perene construção da identidade, é mister começar por esclarecer o que ele entende e define com o conceito de líquido.

Ao elucidar o conceito baumaniano de líquido, é possível argumentar como essa liquidez afeta a subjetividade humana, pois os indivíduos têm que se reinventar a cada instante e estar sempre atentos aos modismos sociais, pois devem ser uma mercadoria vendável perante a sociedade, para não serem peças descartáveis, que podem ser facilmente removidas ou substituídas.

Em seguida, será realizada a abordagem sobre a dualidade vivida pelos indivíduos entre o mundo real, chamado por Bauman de off-line, e o mundo virtual, denominado de online. Este último, muitas vezes, serve de fuga dos incômodos presentes no primeiro.

Por fim, tratar-se-á, ainda no âmbito das relações virtuais, do risco oferecido pelas redes sociais, já que o seu mau uso pode gerar a fugacidade das relações, disponibilizar um conhecimento fragmentado e superficial, além da perda do sentido do que é público ou privado e, ainda, da perda do senso do que é liberdade de expressão e libertinagem na exposição de opiniões.

2 Decifrando o conceito de liquidez

Para iniciar, faz-se necessário esclarecer o que Zygmunt Bauman pretende transmitir ao utilizar o conceito *líquido*. Vivemos em uma sociedade líquida, onde sua forma é inconstante, inconsistente e mutável. Na sociedade líquido-moderna, as pessoas devem ter a capacidade de mutação, de construir sua identidade de acordo com a necessidade e os interesses. Bauman (2001, p. 8) utiliza essa expressão *liquidez* como metáfora, pois

os líquidos não mantêm sua forma com facilidade [...] não fixam o espaço nem prendem o tempo [...] os fluidos não se achem muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar, espaço que, afinal, preenchem apenas 'por um momento'.

De acordo com Silva, Mendes e Alves (2015), nesse processo de passagem do estado sólido para o estado líquido, segundo Bauman, poderia se destacar quatro fases, que seriam: a cisão entre poder e política, perceptível na supervalorização do indivíduo em detrimento ao Estado; a perda do sentido de comunidade; o fracasso do planejamento a longo prazo e a ruína de instituições que serviam como orientação e a responsabilização do indivíduo pelo seu fracasso ou sucesso pessoal.

Segundo Bauman (2007), a transição da forma sólida para a líquida se deu quando as organizações sociais, que ditavam regras, limitando as escolhas pessoais, e as instituições que estabeleciam padrões comportamentais aceitáveis já não podiam mais manter sua forma por muito tempo, nem se esperava que elas o fizesse, pois elas são dissolvidas antes mesmo de se moldarem.

Esse processo de transição se deu pela possibilidade de utilizar a racionalidade livremente. Ao se livrar das amarras do mundo clássico, no qual as tradições eram intocáveis, o indivíduo agora age sem a influência de crenças e de instituições que determinavam os padrões de vida, e ainda a perda de sentido de um mundo criado, orientado por uma ordem revelada por Deus.

Com a perda de todos esses referenciais, a sociedade líquido-moderna coloca o indivíduo de forma isolada no centro de tomada de todas as decisões, o sujeito passa a ser uma ilha e tem que se esforçar por buscar de forma solitária dar sentido a sua existência, podendo, para isso, usar sua liberdade, antes tolhida pelo modelo clássico, sustentado por costumes solidificados.

Assim, cada um é responsável por si. No cenário líquido, a individualização ganha destaque em detrimento da coletividade, o que reina nesse panorama é a incerteza e a insegurança. Já não há mais o comprometimento com um plano de vida a longo prazo.

As relações interpessoais foram dilaceradas, o outro é visto como algo que possa ser aproveitado e depois descartado. É o que Bauman chama de *relacionamento de bolso*, pois podem ser utilizados e depois guardados, para serem utilizados quando se fizer necessário, ou até mesmo serem jogados no lixo.

De acordo com Caldas (2008, p. 31), “a liquidez aplica-se a relações que podem ser facilmente revertidas, ou revertidas a baixo custo, e a sistemas que, sendo caracterizados pela precariedade dos laços que unem os seus elementos constituintes, tendem a ser, eles próprios, instáveis e precários”.

O compromisso é sinônimo de risco e deve ser evitado, há a fuga das relações duradouras e profundas, o que importa na era da liquidez é o instantâneo, o *carpe diem* é tomado de forma literal, viva o hoje, viva o momento, sem se importar com o que virá depois.

O que predomina é a instantaneidade e a fugacidade. Tudo que demanda tempo e atenção, que exige o cativar, que é sinônimo de duradouro, representa risco e perigo e deve ser evitado. Tanto nas amizades quanto nas relações amorosas o que importa é o número, a quantidade, e não a proximidade e a intimidade. O ser humano foi transformado em objeto para ser usado, de acordo com a necessidade, para a satisfação momentânea e egoísta.

Um modelo disseminado pela liquidez e fluidez da sociedade é a coisificação do ser humano, em que as pessoas são transformadas em objetos e utilizadas para a satisfação do hedonismo egoísta e individualista e, depois, são descartadas e substituídas por mercadorias atualizadas. Tudo se torna descartável, pode virar lixo e ser substituível, até mesmo as pessoas.

3 A coisificação dos sujeitos: a transformação das pessoas em objetos

Segundo Silva, Mendes e Alves (2015), no mundo contemporâneo, o que é mais importante é a capacidade das pessoas de mudar de identidade de acordo com a necessidade e o contexto de vida. Já não é necessário construir e manter um status quo, mas se destaca mais nos tempos líquidos quem tem a capacidade de mutação, assim como os camaleões que se camuflam dependendo do que a ocasião necessita.

Uma característica marcante da sociedade líquida é o consumismo, que Bauman denomina de *sociedade de consumo*. Pessoas e objetos se misturam e se tornam coisas, se transformam em mercadorias que precisam ser atraentes aos consumidores vorazes, que não aceitam coisas ultrapassadas. E “nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra do descarte, e nada pode ter permissão de se tornar indesejável” (BAUMAN, 2007, p. 9).

Por isso, as pessoas vivem se reinventando, para estar sempre em evidência, se adaptando aos modismos para não caírem no esquecimento e serem arremessadas na lata de lixo, pois vivemos a cultura do descartável, na qual as relações são mantidas de acordo com a conveniência e a utilidade. A partir do momento em que se tornam desnecessárias, as relações são interrompidas, sem a menor hesitação.

Além disso, há o capitalismo selvagem, que valoriza a pessoa pelo seu poder aquisitivo, no qual a frase cartesiana “penso logo existo” é transformada em “tenho logo existo”. A sociedade de consumo é responsável por transformar também as pessoas em consumidores e objetos de consumo ao mesmo tempo. “São, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores” (BAUMAN, 2008, p. 13).

Em uma sociedade de consumo, as pessoas nunca têm a sua subjetividade a salvo, é sempre preciso se reanimar, ressuscitar e recarregar perpetuamente as características esperadas e exigidas de uma mercadoria atrativa aos olhos dos consumidores. “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”. (BAUMAN, 2008, p. 22)

Nos tempos líquidos, o ser humano é esvaziado de sua subjetividade e transformado em coisa, objeto, mercadoria a ser consumida, ocorrendo o que Bittencourt chama de processo de despersonalização, o que constitui o ponto alto da sociedade líquida.

No ápice da ‘era da liquidez’, o ser humano se despersonaliza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para em seguida descartada por outrem, quando esta figura se enfada do uso continuado do objeto ‘homem’, facilmente repostos por modelos

similares. Esse processo de despersonalização do indivíduo, imerso no oceano da indiferença existencial, é a característica por excelência da ideia de 'vida líquida' problematizada por Bauman, uma vida precária, em condições de incerteza constante (BITTENCOURT, 2009, p. 65).

De acordo com Felczak (2015), o cunho mercadológico interfere nas relações afetivas, focalizando a materialidade do ser humano. Dessa forma, a relação pode deixar de existir quando já não for mais útil nem desperte prazer no indivíduo, podendo ser substituída, sem levar em conta os sentimentos da outra pessoa. As relações no mundo líquido não são feitas para durar por muito tempo, mas apenas o tempo necessário para satisfazer os desejos e as vontades.

As amizades duradouras, iniciadas na infância, conservadas durante a vida, as juras de amor eterno, até que a morte nos separe, passam a ser sinônimo de insanidade, de algo impossível de acontecer. A liquidez agora é o que predomina, "que seja eterno enquanto dure" é a máxima vigente, que seja eterno, enquanto seja necessário e enquanto satisfaça.

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora (BAUMAN, 2009, p. 662).

Essa despersonalização dos sujeitos e *extimidade* das relações, expressão que é antônima de intimidade, devem-se, em grande parte, ao advento da internet e das redes sociais, nas quais as relações, muitas vezes, se tornaram mecanicistas, utilitaristas, superficiais e desprovidas de sentimentos.

As *amizades* são mantidas enquanto as pessoas não causam incômodo, do contrário, são deletadas, sem peso de consciência. Há sempre a busca por satisfazer as pessoas, para não ser isolado, nem cair no ostracismo e ser descartado e jogado na lixeira ou bloqueado, pois, no mundo virtual, a popularidade é fundamental para manter e ampliar a rede de amigos, ela é símbolo de sucesso.

Em tempos líquidos, as pessoas passam grande parte do tempo conectadas em sites de redes sociais e aplicativos de conversa instantânea. O mundo virtual, geralmente, é o espaço onde as pessoas permanecem por mais tempo, servindo, muitas vezes, como refúgio e fuga dos problemas e divergências presentes no mundo real. Essa dualidade mundo virtual e mundo real é denominada, por Bauman, como vida online e off-line, respectivamente.

4 A era digital e a vida entre dois mundos: o real e o virtual

Dentro da sociedade líquida, um aspecto analisado por Bauman é a vida na era digital que, segundo ele, é dividida em dois mundos paralelos e distintos. O sociólogo polonês define esses dois lados como online e off-line. A vida online diz respeito à

realidade virtual, na qual as pessoas ficam conectadas, seja em redes sociais ou em aplicativos de comunicação instantânea, sendo cada vez maior o número de relações sociais no âmbito virtual. A vida off-line, por outro lado, é a vida concreta, determinada no tempo e no espaço.

O mundo off-line é o mundo real, no qual o sujeito é situado em um tempo e em um espaço muito específico e delimitado, como o bairro onde se vive, por exemplo, com vizinhos talvez não muito simpáticos, onde se compra o jornal em uma banca, onde se atravessa a rua para ir à escola, onde se trabalha e se convive com os colegas de trabalho, é o indivíduo que se relaciona com o mundo que o rodeia.

Porém, muitas pessoas preferem viver mais tempo na vida online, pois as relações e as amizades virtuais têm um atrativo, que seria a inexistência de conflitos e a possibilidade de se manter em um círculo de amizades apenas as pessoas que estejam de acordo com as mesmas opiniões ou na medida em que ainda forem convenientes, evitando contratempos e aborrecimentos.

Para um jovem, o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo os laços, muitas vezes impondo o tempo - em flagrante oposição à sua contrapartida off-line, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de fortalecer os vínculos, limitando severamente o número de contatos à medida que eles se ampliam e se aprofundam (BAUMAN, 2011, p. 23).

Os danos mais nocivos da vida online são a dispersão da atenção, o deterioramento da capacidade de escutar e a faculdade de compreender, que levam ao empobrecimento da capacidade de dialogar, que é a capacidade de expor as próprias ideias, ainda que no transcurso da conversa se comprove que um estava equivocado e que o outro tinha razão, o diálogo é uma forma de comunicação imprescindível no mundo off-line.

Infelizmente, a proximidade física com outro ser humano se tornou perda de tempo, algo supérfluo. Para que ela seja mantida, faz-se necessário gastar uma boa parte do tempo precioso, mas que, assombrosamente, parece cada vez mais escasso, em algo mais profundo e significativo.

Na internet, em salas de bate-papo ou nas redes sociais, é sempre mais fácil se relacionar: os indivíduos podem criar diferentes imagens de si mesmo, já que não é necessário se expor visualmente; é possível pensar e repensar antes de escrever mensagens, diferentemente de uma conversa face a face, onde permeia a espontaneidade (OLIVEIRA; PASQUALINI, 2014, p. 102).

O que importa, na vida virtual, é o tamanho do círculo de amizades, do grupo de *amigos*, independentemente do grau de proximidade das pessoas que o compõe. Para Bauman (2011, p. 24), “em sua versão eletrônica, é a quantidade de conexões, e não sua qualidade, que faz toda a diferença para as chances de sucesso ou de fracasso”.

Porém, apesar da grande quantidade de interação, as relações superficiais predominam na vida online, as amizades tornaram-se algo fugaz e passageiro.

No âmbito da superficialização das relações sociais, Bauman alerta para o uso em demasia das redes sociais que, para ele, funciona como armadilha, pois pode representar uma fuga da realidade, provocando a perda de contato entre as pessoas, pois quanto maior é a rede de conexões de amizades, menor é a proximidade e a capacidade de se relacionar de forma efetiva, tornando a convivência algo frio e sem muita importância, mais vale a quantidade de *amigos* do que a qualidade das *amizades*.

5 As redes sociais como armadilhas

É possível adicionar e deletar amigos e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos de individualismo. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias, pois “as relações virtuais contam com teclas de ‘excluir’ e ‘remover spams’ que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda” (BAUMAN, 2011, p. 23).

O sociólogo alerta para alguns riscos oferecidos pelas redes sociais e diz que elas funcionam como uma armadilha, pois, geralmente, não proporcionam o diálogo, estabelecendo o que ele denomina de *zona de conforto*. Para ele,

o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha (BAUMAN, 2016, online).

Vivemos em um mundo que visa eliminar os conflitos, e o uso de redes sociais proporciona isso, pois evita o contato pessoal e direto. Porém, as redes sociais contribuem para a facilidade com que relações sejam frias e distantes, entretanto é falsa a ideia de que felicidade não consiste na ausência de problemas ou em evitá-los. O que importa é a capacidade de superá-los, podendo até ser feito de forma coletiva.

Segundo Bauman (2004), as relações virtuais parecem ser feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se anseia e se deseja que os relacionamentos de romance e de amizade surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior. Ao contrário dos relacionamentos reais, é fácil entrar e sair dos relacionamentos virtuais, não se exige comprometimento.

Um enorme problema advindo com o auge da internet e das redes sociais é a perda de noção do que é público e do que é privado. Segundo Koehler e Carvalho (2013), o problema está na exposição da vida privada da geração digital nas redes sociais, por meio de fotos, comentários, vídeos, completamente sem critérios. O que muitas vezes é compartilhado nas redes sociais são informações do âmbito privado que

estão sendo disponibilizadas na esfera pública. As pessoas contam suas vidas como em um diário, muitas vezes expõem seus corpos em um exibicionismo narcisista, para satisfação do próprio ego. Os *posts* também servem como desabafo, para expor as agruras da vida. As páginas das redes sociais, então, são transformadas em divãs, na expectativa de se receber um comentário que seja aprazível e confortável, de inúmeros psicólogos que compõem a rede de amigos.

Outro grande problema da internet e das redes sociais é a circulação de informações que a despeito da liberdade de expressão não há uma delimitação até onde se possa chegar ao postar alguma coisa sobre algo ou sobre alguém, não se tem o controle sobre informações compartilhadas na rede. A linha entre a liberdade de expressão e a libertinagem de expressão é tênue. É preciso ter cuidado com o que se posta, as pessoas não podem usar perfis em redes sociais para escrever o que bem não entendem.

Qualquer um se sente no direito de opinar sobre tudo e sobre todos. Com isso, “multidões de imbecis tem agora como divulgar suas opiniões [...]. Com a internet e as redes sociais, o imbecil passa a opinar a respeito de temas que não entende” (ECO, 2015, [s.p.]). Com essa facilidade de se divulgar opiniões e informações, é preciso ter senso crítico ao tomar conteúdos como fidedignos, porque

a rede social é aberta, livre e catalisadora de todo o tipo de indivíduo e interesse. Nela vale à máxima “quer fale mal quer fale bem, o que importa é falar de/com/para alguém.” Porém o fato de ser aberta também desperta questões éticas de primeira grandeza que não podem passar despercebidas, como, por exemplo: qual é o limite dessa liberdade catalizadora? É catalizadora a partir de qual ótica? Qual é o tipo de comunicação e linguagem utilizadas? Quais são os responsáveis pelo conteúdo exposto nas redes? (RABELO; ALMEIDA, 2013, p. 16)

Então, faz-se necessário filtrar as informações disponibilizadas na rede mundial de computadores. E, ainda, com a facilidade de se ter ao alcance das mãos ferramentas de pesquisa, há uma infinidade de conhecimento disponível, porém, ao mesmo tempo, ocorre a fragmentação e a superficialização desse conhecimento.

Com a facilidade de copiar e colar conteúdos, muitas vezes, não se aprofunda a respeito das informações obtidas, que não são submetidas ao crivo da veracidade. Isso representa um risco, pois há inúmeras ferramentas, como alguns sites e enciclopédias, que podem ser editadas e alteradas por qualquer um sem nenhum critério.

Entretanto, o maior perigo em se tornar um usuário compulsivo das redes sociais está em viver somente a *realidade virtual*, na qual o mundo se restringe ao universo particular e a rede de conexões estabelecidas sem compromisso afetivo. Na medida em que os conflitos são inexistentes, portanto, a ausência do contato pessoal off-line faz com que os indivíduos se individualizem cada vez mais, perdendo o sentido da vida em comunidade e das relações mais profundas e comprometidas. É necessário reanimar e ressuscitar a já cambaleante alteridade.

6 Considerações finais

A internet com seus meios de comunicação como as redes sociais e os comunicadores instantâneos estabelece uma via de mão dupla, aproxima o que está distante e distancia o que está próximo. Isso acontece, pois, com a internet, já não há mais fronteiras, é possível estabelecer comunicação em tempo real com qualquer parte do planeta.

Por outro lado, é cada vez mais corriqueiro encontrar situações em que pessoas em uma mesma casa, cada uma munida com seu smartphone, tablet ou notebook de última geração, trocam mensagens com outras pessoas ou até mesmo entre elas mesmas, ou um grupo de amigos reunidos em uma mesa em um barzinho, lanchonete ou pizzaria, cada um com seu aparelho a enviar mensagens intermitentemente, sem necessariamente comunicar e interagir entre si.

O objetivo deste estudo não é, entretanto, demonizar a internet e as redes sociais, pois é inegável que a tecnologia trouxe muitos benefícios à humanidade. A própria comunicação, desde que não seja realizada exclusivamente por meio eletrônico, é algo benéfico, e a internet proporcionou a globalização da comunicação. Hoje, é possível realizar operações bancárias por meio de aplicativos, trazendo segurança e comodidade.

Há muito conhecimento sério disponível na rede, basta exercer o senso crítico para filtrar as informações. Além dessas informações e notícias poderem viajar na *velocidade da luz*, a internet e as redes sociais são ótimas ferramentas, desde que sejam bem utilizadas, com equilíbrio e moderação.

A pretensão é alertar, com base nas ideias de Zygmunt Bauman, que o uso desenfreado da tecnologia é prejudicial, pois muitas pessoas se tornam reféns da internet e das redes sociais e passam mais tempo no mundo da nuvem do que com os pés no chão, vivendo a realidade, se relacionando com pessoas concretas, com qualidades e defeitos. Porém, é preciso entender que as opiniões divergentes podem contribuir para o crescimento pessoal e social.

O uso de avatares auxilia na manutenção do anonimato, pois os indivíduos se escondem atrás de seus perfis, para esconder possíveis erros que poderiam ser fatais, impossibilitando a mercadoria de ser vendida, por isso evitam o contato direto, o diálogo. Não se aprofundam os laços, o medo de comprometimento com o outro é o mínimo possível, gastar tempo e afeto pode ser arriscado, por isso é crescente o relativismo nas relações sociais (amizades e relacionamentos amorosos), a alteridade está prestes a fenecer-se.

A disponibilidade de conhecimento infinito ao alcance de um clique nos sites de busca abre diversas possibilidades de pesquisa, mas cada vez menos se tem a preocupação com a fidedignidade das informações. A facilidade de se apropriar de conteúdos por meio das ferramentas *copiar* e *colar* faz com que os indivíduos tenham cada vez menos senso crítico e cada vez mais preguiça intelectual.

Portanto, pode-se afirmar que a rede mundial de computadores e as redes sociais podem representar algo positivo para a humanidade, porém é muito comum, por causa de seu uso desmedido, acarretar sérios problemas de dependência. As redes sociais são o novo ópio, pois podem entorpecer, anestésiar, levando as pessoas a

permanecer por muito tempo nesse ambiente de conforto proporcionado pelas redes, então é preciso tomar cuidado, ter autocontrole e estabelecer um ponto de equilíbrio entre a vida online e a vida off-line.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. “As redes sociais são uma armadilha”. *El País*, Brasil, 9 janeiro 2016, Cultura. Entrevista concedida a Ricardo de Querol. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças (Segunda parte). *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 137, p. 661-684, mai./ago. 2009. Entrevista concedida a Alba Porcheddu.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. *Espaço Acadêmico*, n. 100, ano 9, p. 62-69, set. 2009.

CALDAS, José Maria Castro. A arte da fuga: os mecanismos da liquidez. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 82, p. 31-52, set. 2008.

ECO, Umberto. A conspiração dos imbecis. *Veja*, São Paulo, edição 2.432, n. 26, ano 48, p. 15-19, 1 jul. 2015. Entrevista concedida a Eduardo Wolf.

FELCZAK, Eliton Fernando. A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo. *Vida Pastoral*, São Paulo, n. 302, ano 56, p. 3-12, mar./abr. 2015.

KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Marie Jane Soares. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 20, n. 2, p. 275-285, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Fabrícia de; PASQUALINI, Kele Cristina. Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários. *Mimesis*, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

RABELO, Edna Maria Souza; ALMEIDA, Jorge Miranda de. Por uma crítica da fluidez moderna, segundo Bauman e Kierkegaard, através das redes sociais. *Húmus*, n. 7, p. 15-26, jan./fev./mar./abr. 2013

SILVA, Rafael Bianchi; MENDES, Jéssica Paula Silva; ALVES, Rosieli dos Santos Lopes. O conceito de líquido em Zygmunt Bauman: contemporaneidade e produção de subjetividade. *Athenea Digital*, 15 (2), p. 249-264, jul. 2015.